



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## UMA VISÃO PARA ALÉM DA PISTA: ATLETAS BRASILEIRAS DEFICIENTES VISUAIS NOS JOGOS PARAOLÍMPICOS DE 1988, SEUL, CORÉIA DO SUL

Eduardo Klein Carmona  
Janice Zarpellon Mazo  
Rafaela Bertoldi

### RESUMO

*O objetivo é identificar a participação de atletas brasileiras deficientes visuais nas competições de atletismo dos Jogos Paraolímpicos de Seul, em 1988. Foram realizadas entrevistas com as quatro únicas atletas brasileiras que participaram dos Jogos e evidenciados diferentes significados do evento para cada uma.*

*PALAVRAS-CHAVE: Jogos Paraolímpicos; Deficiência visual; História do Esporte.*

### INTRODUÇÃO

O esporte paraolímpico<sup>1</sup> é uma prática adaptada para pessoas com deficiência que compõe o programa dos Jogos Paraolímpicos (PARSONS; WINCKLER, 2012). O esporte adaptado pode ser entendido como o esporte modificado (regras, materiais e locais) ou, especialmente, uma prática criada para ir ao encontro das necessidades de pessoas com algum tipo de deficiência (WINNICK, 2004; ARAÚJO, 2011; CARDOSO, 2011). Ressalta-se que, nem todo esporte adaptado é paraolímpico, caso, por exemplo, do handebol em cadeira de rodas.

Em 2016, nos Jogos Paraolímpicos (JP) da cidade do Rio de Janeiro, serão disputadas competições em 22 modalidades esportivas: atletismo, basquete em cadeira de rodas, ciclismo, esgrima em cadeira de rodas, futebol de cinco, futebol de sete, goalball, halterofilismo, hipismo, judô, natação, remo, rúgbi em cadeira de rodas, tênis em cadeira de

---

<sup>1</sup> Em novembro de 2011, o termo “paraolímpico” foi alterado para “paralímpico”. Essa mudança, oficializada pela presidência do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) ocorreu a pedido do *International Paralympic Committee* (IPC), cujo objetivo era alcançar a universalização do termo e suas derivações. Após os Jogos Paralímpicos de 2012, a presidenta da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff, decidiu vetar o uso do termo “paralímpico” em documentos oficiais, mantendo a possibilidade de uso do termo “paraolímpico”.



rodas, tênis de mesa, tiro com arco, tiro esportivo, vela e vôlei sentado (MELLO; WINCKLER, 2012; MACHADO, 2012). Além dessas, duas modalidades estrearão na competição: a canoagem e o triátlon.

De acordo com a modalidade esportiva são elegíveis à participação nos Jogos Paraolímpicos, pessoas com deficiências motoras, visuais e intelectuais. Além de atletas com doenças crônico-degenerativas, desde que apresentem comprometimentos orgânicos, caracterizando uma deficiência, como por exemplo, limitações funcionais em decorrência do mal de Parkinson. Deficientes auditivos e surdos, por questões ideológicas, políticas e culturais não participam do evento.

Historicamente, um marco para as pessoas com deficiência e, em especial, para o desenvolvimento do esporte paraolímpico foi o período após a II Guerra Mundial (1939-1945). Isso porque, com a volta dos lesados da guerra, torna-se latente a necessidade de se criar programas de reabilitação para essas pessoas como forma de reintegrá-los à vida em sociedade. O esporte adaptado, por sua vez, foi utilizado como uma prática terapêutica no tratamento dos ex-combatentes.

Em pouco tempo, a prática do esporte adaptado passou a ser ampliada, culminando na primeira edição dos JP, na cidade de Roma, Itália, em 1960 (PARSONS; WINCKLER, 2012; ARAÚJO, 1997). O Brasil enviou atletas para participar dos JP, uma década depois da primeira edição, no ano de 1972. Aproximadamente 45 anos depois, o país sediará pela primeira vez uma edição do evento.

Ao longo deste período, poucas foram às iniciativas de governos com a preservação das memórias do esporte paraolímpico nacional. A organização de um acervo é uma ação basilar para um país que sediará um megaevento e tem como incumbência produzir e preservar um legado social e educacional. O acervo é um lugar que não apenas serve para guardar a memória do esporte paraolímpico brasileiro, mas mantê-la viva ao empreender ações que contribuam para disseminar e inserir a prática esportiva na vida das pessoas com deficiências.

Diante deste cenário, o objetivo da pesquisa é identificar a participação de atletas brasileiras deficientes visuais nas competições de atletismo dos Jogos Paraolímpicos de Seul,



Coréia do Sul, em 1988<sup>2</sup>. Além disso, busca-se apresentar um cenário do movimento paraolímpico brasileiro, bem como, do esporte para deficientes visuais no Brasil.

Para atingir os objetivos, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema e a gravação de entrevistas com as quatro únicas atletas brasileiras deficientes visuais que participaram dos JP de 1988. A metodologia da História Oral (ALBERTI, 1989; 2010) foi adotada pelos pesquisadores, pois “privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (p. 1). As atletas deficientes visuais, que participaram das provas de atletismo e concederam entrevistas foram: Adria Rocha Santos, Anelise Hermany, Leila Marques e Vera Luiza Bergamo. Cabe referir que foram adotados todos os procedimentos éticos<sup>3</sup> relacionados à metodologia da História Oral no que se refere à transcrição e divulgação das entrevistas transcritas. As fontes acessadas no estudo foram submetidas à análise documental.

Justifica-se a escolha pela edição dos JP de 1988 para fins deste estudo, tendo em vista que tal edição do evento foi considerada um marco para o movimento paraolímpico devido a questões organizacionais. No que diz respeito à participação brasileira, esta edição dos JP assinalam a forte presença de atletas brasileiras e suas diferentes conquistas para além de medalhas olímpicas. Para, além disso, é inegável que deixaram um legado para o movimento paraolímpico brasileiro.

## UM PANORAMA DO MOVIMENTO PARAOLÍMPICO BRASILEIRO

No Brasil, o início das manifestações acerca de esportes adaptados data do ano de 1958, com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. Tais clubes foram criados pela iniciativa, respectivamente, de Sérgio Serafim Del Grande e Robson Sampaio de Almeida para a prática do basquetebol em cadeira de rodas. Ambos foram reabilitados nos Estados Unidos, após terem sofrido acidentes que os deixaram sem os movimentos dos membros inferiores. Neste país tiveram contato com o esporte

---

<sup>2</sup> Este estudo integra um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “Memórias do Esporte Paraolímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paraolímpicos (1972-2012)”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade de Caxias do Sul (UCS).

<sup>3</sup> Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, sob o número 27331.



durante seu período de reabilitação e, quando retornaram ao Brasil dedicaram-se a organização desses clubes, visando à promoção do esporte em cadeira de rodas (COSTA; SOUSA, 2004).

Nos últimos anos é visível a organização e o desenvolvimento do esporte paraolímpico no Brasil, entretanto a situação do esporte no país em décadas passadas era muito precária, pois até o princípio da década de 1970 os atletas brasileiros não tinham a oportunidade de participar dos JP. Apenas no ano de 1972 o Brasil enviou uma delegação para o evento em Heidelberg, Alemanha (ARAÚJO, 1997; DE MELLO; WINCKLER, 2012). Esta edição dos JP é uma referência para a história esportiva do Brasil, contudo ainda hoje pouco se sabe dos caminhos percorridos pelos atletas.

Nos anos seguintes várias associações específicas para as múltiplas deficiências foram organizadas no país: Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas (ABRADECAR); Associação Nacional de Desportos para Excepcionais (ANDE); e Associação Nacional de Desporto para Cegos (ABDC). Apenas na década de 1980 que se evidenciaram as primeiras iniciativas para a criação de uma entidade que congregasse os esportes paraolímpicos. Os presidentes das associações acima citadas, respectivamente, José Gomes Blanco, Aldo Miccolis e Mario Sergio Fontes se mobilizaram para organizar uma instituição.

Em 1995, o esporte paraolímpico passou a ser dirigido pelo recém criado Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB)<sup>4</sup>. Desde então, houve um incremento na prática dos esportes paraolímpicos no país. Contudo, foi com a promulgação da Lei nº 10.264, de 16 de julho de 2001, conhecida como Lei Agnelo Piva e com a maior cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de Atenas, em 2004, que o esporte paraolímpico brasileiro recebeu forte impulso (PARSONS; WINCKLER, 2012). Além disso, a atuação de algumas universidades brasileiras, em particular a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão, contribuíram para a produção do conhecimento acerca da prática esportiva para pessoas com deficiência. Soma-se a esse cenário, marcado por rupturas e continuidades, a fundação em 2010 da “Academia Paraolímpica Brasileira” com a finalidade de fomentar e desenvolver as áreas de “educação e formação” e “produção científica e tecnológica” (BRASIL, 2012, p. 2).

<sup>4</sup> Atual Comitê Paralímpico Brasileiro, em função de uma normatização da nomenclatura a pedido do *International Paralympic Committee* (IPC) no final do ano de 2011 (CPB, 2012).



Em 2012, o esporte paraolímpico brasileiro foi impactado pelos resultados conquistados pelos atletas nos JP de Londres. Nesta edição dos JP os atletas retornaram da competição com dezenas de medalhas e com a melhor colocação do Brasil na história: sétima posição no quadro de medalhas. O resultado positivo da participação da delegação brasileira nos JP faz parte de um planejamento estratégico do CPB, o qual estima alcançar a quinta colocação para o Brasil nos JP do Rio de Janeiro, em 2016. Há uma expectativa de alcance de um número significativo de medalhas pelos atletas com deficiência visual, que atualmente, participam de 11 modalidades paraolímpicos.

## O ESPORTE PARA DEFICIENTES VISUAIS NO BRASIL

Nas primeiras edições dos JP ocorria apenas a participação de atletas cadeirantes com lesões medulares. Em 1960, na cidade de Roma (Itália) havia cerca de 140 participantes. Somente na edição de Toronto, Canadá, em 1976, que outras deficiências foram abarcadas, dentre elas a deficiência visual (PARSONS; WINCKLER, 2012). Nos JP de Pequim (China), no ano de 2008, o número chegou aos 4.000 atletas e em Londres (Inglaterra), no ano de 2012, o número de participantes ultrapassou 4.200 atletas.

Os atletas com deficiência visual, atualmente, participam de 11 esportes paraolímpicos, a saber: atletismo, ciclismo (*tandem*), futebol de 5, *goalball*<sup>5</sup>, hipismo, judô, natação, remo, tiro esportivo, triatlo e vela. Em alguns destes esportes, os competidores são agrupados em provas de acordo com a classificação funcional que recebem da equipe de classificadores. A classificação é feita através de uma avaliação oftalmológica que divide os atletas em três classes: B1, B2 e B3. O “B” é a abreviação da palavra inglesa *blind*, que é traduzida como cego. Os números identificam as classes funcionais, isto é, quanto menor o número maior é o comprometimento visual. Os atletas cegos totais estão situados na classe B1 (CARDOSO; GAYA, 2014). Esse tipo de classificação também está presente na natação e no atletismo. Em esportes como o *goalball* e o futebol de 5, a classificação funcional não se aplica, pois os atletas competem vendados.

No Brasil, o atletismo é um esporte tradicional entre os deficientes visuais e isto se reflete nas conquistas ininterruptas de medalhas nos JP desde a edição de Nova York, em

---

<sup>5</sup> Único esporte paraolímpico criado especialmente para pessoas com deficiência visual.



1984. Na ocasião, uma das entrevistadas, Anelise Hermany, foi à única atleta entre os deficientes visuais a retornar com medalhas para o Brasil: duas pratas e um bronze (MAIS...., 2011). A partir de então, a cada nova edição dos JP, os atletas deficientes visuais têm retornado com diversas medalhas, um exemplo disso foi na edição de Atenas em 2004, na qual 12 das 16 medalhas do atletismo paraolímpicos foram obtidas por deficientes visuais.

As práticas esportivas para deficientes visuais no país, principalmente, para cegos foram desenvolvidas dentro de institutos especializados: Instituto Santa Luzia em Porto Alegre; Instituto Padre Chico em São Paulo; Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro (FREIRE; CONRADO, 2014; FONTES, 2006). Estas instituições funcionavam no modelo de internatos, onde as crianças e adolescentes com deficiências visuais, além de estudarem também residiam. Aprendiam o sistema *braille*<sup>6</sup>, eram alfabetizados, tinham formação profissional, realizavam cursos de orientação e mobilidade, além de praticarem esportes. Em geral, os espaços para prática esportiva eram precários e os esportes adaptados. Fontes (2006) afirma que há relatos de ex-internos que, nas décadas de 1950 e 1960, jogavam futebol com objetos improvisados que emitissem som.

O atletismo se tornou uma prática recorrente nos institutos para deficientes visuais, principalmente das décadas 1970 e 1980, pois era um esporte que não exigia grandes adaptações ou muitos equipamentos para a sua execução. Dentre as entrevistadas, três delas são oriundas de institutos: Adria foi aluna do Instituto São Rafael em Belo Horizonte, e Anelise e Vera são ex-internas do Instituto Santa Luiza em Porto Alegre. Leila por ser uma atleta da categoria B3, com resquício visual, não estudou em uma escola especial.

No Instituto Santa Luzia, de acordo com a entrevistada Anelise, o atletismo foi introduzido pelo professor “Bruxo”<sup>7</sup> na metade da década de 1970. Anos mais tarde dois outros professores de Educação Física também trabalharam com o atletismo na instituição. A atleta Anelise revelou que a prática no instituto era adaptada:

Não tinha pista. Não tinha nada. Era uma reta. Então, eles esticaram uma corda de náilon e colocaram rolinho de papel. Os cegos corriam tocando a corda. [...] O salto em altura era uma caixa com areia. Nós improvisávamos dois ferros e um elástico que ia subindo delimitando a altura. Nós improvisávamos tudo. Era muito legal (HERMANY, 2015).

<sup>6</sup> É um sistema de escrita e leitura baseado em símbolos em relevo, resultantes da combinação de até seis pontos dispostos em duas colunas de três pontos cada.

<sup>7</sup> Professor de educação física do Instituto Santa Luzia de Porto Alegre. Não foi possível apurar seu nome completo.



Aneline Hermany é oriunda da cidade de Ijuí, Rio Grande do Sul, e a mais nova de seis irmãos, sendo três deles também deficientes visuais. Ela relata que, juntamente com seus irmãos, começou a frequentar o Instituto Santa Luzia em Porto Alegre no ano de 1971. Revelou que esta oportunidade foi um dos melhores acontecimentos da sua vida. “Era difícil, mas era uma época muito boa. Nós aprendemos tudo lá, a cozinhar e fazer as coisas sozinhas. Eu só tenho agradecer ao colégio” (HERMANY, 2015). Quando saiu da instituição, em 1979, continuou a residir em Porto Alegre e prosseguiu com os treinos de atletismo. Embora, vinculada a Associação Luis Braile, treinava corridas em diferentes pistas da cidade.

Nos anos seguintes, Anelise se destacou nas competições de corrida e salto em distância conquistando índice para participar dos JP de 1984, na cidade de Nova York (Estados Unidos). Na época ela foi à única mulher do grupo composto de seis atletas deficientes visuais que foram ao evento, porém houve alguns percalços antes dos Jogos. Anelise lembra que “não tinha ajuda nenhuma para participar dos Jogos” (HERMANY, 2015). E, inclusive, correu o risco de ser cortada da delegação brasileira, pois havia passagens aéreas apenas para cinco atletas. Todavia, os dirigentes adquiriram no último momento uma passagem para ela viajar. Nos JP, a atleta destacou-se conquistando três medalhas e o direito de, juntamente Márcia Malsar<sup>8</sup>, carregar a bandeira brasileira na cerimônia de encerramento.

Vera Luiza Bergamo, atleta sul-rio-grandense, é oriunda da cidade de Machadinho (RS). Frequentou o Instituto Santa Luzia, onde foi colega de Anelise nos treinamentos. Vera relatou: “comecei a fazer educação física e a professora Mirta<sup>9</sup> viu que eu levava jeito para o atletismo” (BERGAMO, 2015). Mesmo depois de ter concluído os estudos na instituição, Vera continuou a treinar atletismo e, no ano de 1979, participou de seu primeiro campeonato em São Paulo. Ela relembra:

Eu corri os 50 m, que é uma prova do atletismo, que nem existe mais. [...] E os 100 metros e o salto em distância. Eu ficava com a adrenalina lá em cima. Era tudo novo pra mim. [...] Não existia muita tecnologia. Não tínhamos guia para as provas de corrida. Colocava-se uma corda na pista, com umas madeirinhas no início e no final da pista (BERGAMO, 2015).

<sup>8</sup> Atleta brasileira com deficiência intelectual, que conquistou três medalhas nos JP de Nova York.

<sup>9</sup> Professora de educação física do Instituto Santa Luzia de Porto Alegre.



Após esta competição, Vera começou a participar de outros campeonatos, mesmo sofrendo com as dificuldades financeiras que a impediram de participar de diversos eventos. Seus resultados na pista mais expressivos foram partir de 1983 e, em 1985, teve a oportunidade de participar de sua primeira competição internacional representando o Brasil: nos Jogos Latino-americanos de Cegos, na Venezuela.

A atleta sul-rio-grandense, Leila Marques, por sua vez, tem uma trajetória diferente com relação à das suas contemporâneas. Em 1983, Leila foi procurar emprego no Sistema Nacional de Empregos (SINE) de Porto Alegre e acabou sendo encaminhada, no mesmo dia, pelo senhor Venceslau Antonio Padilha, deficiente visual, para comparecer à pista do Parque Ramiro Souto (localizada no Parque Farroupilha), para conhecer a equipe de atletismo. Ela se lembra do acontecimento:

Chegando lá, havia um grupo reunido: Vera Bergamo, o Guaracy, o professor Airton, Salete e a professora Bete. [...] Ela disse pra mim: pega ela (Salete) de guia e vai dar uma volta. Eu de bermuda e sapato. Dei três voltas caminhando e depois ela disse: dá duas correndo. A partir dali comecei. [...] Comecei a frequentar três vezes na semana: terça, quinta e sábado. [...] Melhorei a postura (MARQUES, 2015).

A partir daquele momento começou a praticar o atletismo, se especializando, mais tarde, nas provas de 400 e 800 metros rasos. Leila ainda relembra que o grupo coordenado pelo professor Airton era itinerante e treinava em várias pistas da capital: no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), no Parque Ramiro Souto e na Escola de Educação Física (ESEF) da UFRGS.

Adria Rocha Santos recordista de medalhas em JP, com 13 conquistas, nasceu na cidade de Nanuque (MG). A aproximação dela com o esporte também ocorreu dentro do instituto onde estudava: Instituto São Rafael, em Belo Horizonte. Destacando-se nas aulas de Educação Física, em pouco tempo passou a representar a Associação dos Deficientes Visuais de Belo Horizonte (ADEVIBEL). Em entrevista Adria contou sobre o início de sua carreira esportiva:

Em comecei com 13 anos no esporte. [...] Com o professor Sol, que era um professor de futebol, que também trabalha com atletismo [...] No quartel do DI da polícia militar, em uma pista de carvão com nada adaptado. Não tinha sapatilha. Não tinha tênis específico pra corrida. Tinha um tênis de futsal (SANTOS, 2015).

Logo no ano seguinte, em 1988, anos 14 anos de idade, conseguiu os índices para os JP de Seul. Adria fala sobre seu início, dizendo: “eu acho que vim com um dom e acredito





que tive oportunidade de descobrir e aproveitei. [...] Eu fui vendo a importância do esporte na minha vida depois. No começo era tudo novidade, mas eu sempre fui muito esforçada e competitiva” (SANTOS, 2015).

#### AS ATLETAS DEFICIENTES VISUAIS NOS JOGOS DE SEUL (1988)

Os JP de Seul, Coréia do Sul, 1988, marcam uma nova fase do evento. Foi a partir desta edição que os Jogos mantiveram-se na mesma cidade e instalações, onde foram realizados os Jogos Olímpicos. De acordo com Parsons e Winckler (2012), o evento deu início à “era moderna” dos JP. Tal afirmação deve-se a preparação e melhorias feitas na cidade de Seul para atender as necessidades dos atletas com deficiência. Na ocasião, o esporte que fazia sua estreia nos JP era o judô, prática específica para deficientes visuais. Essa edição também marcou o início da utilização de uma simbologia que representava o movimento paraolímpico.

A delegação brasileira que participou dos JP foi composta por 47 homens e 11 mulheres, quase dobrando o número de atletas participantes na edição anterior. Entre os 58 atletas, 31 competiram em provas de atletismo, sendo quatro mulheres deficientes visuais. Elas relataram sua felicidade quando souberam da convocação para os JP, no entanto, a convocação foi comemorada de forma especial por Anelise. Em 1986, a atleta foi atropelada por uma motocicleta na cidade de Curitiba, onde estava residindo devido a melhores condições de treinamento, vindo a fraturar o fêmur. Apesar de ter enfrentado problemas durante sua recuperação do acidente, Anelise recebeu um voto de confiança do técnico da seleção brasileira de atletismo, sendo convocada para integrar a delegação.

Eu tava no auge da minha forma física e por isso que minha recuperação foi rápida, mas fêmur é fogo. Ele que sustenta o corpo. [...] Nem eu acreditava. Pensava: puxa vou voltar a treinar, não sei se vai dar certo! Em 1987, participei de um campeonato sul-brasileiro e fiquei no meio da pista; não terminei a prova. Todo mundo disse que acabou a atleta. Chorei. Fiquei chateada, mas dei a volta por cima. Quando saiu a convocação pra Seul, que Raul me convocou muita gente falou: será que vai mesmo? Mas fui aos jogos (HERMANY, 2015).

Após a convocação, as atletas passaram por um período de treinamento em Curitiba juntamente com os demais atletas deficientes do Brasil. Depois seguiram para o Rio de Janeiro e, por fim, para Seul. Adria, como era a atleta com menor idade do grupo, foi adotada



pelas outras atletas. Ao falar sobre o período de treinamento, Adria mencionou o seguinte: “Era como se fosse uma família. Nós fazíamos tudo juntas. Elas estavam sempre cuidando de mim. Recebi um carinho muito grande delas” (SANTOS, 2015). Leila também mencionou sobre este período de treinamento: “Nós ficamos um mês nos preparando. Aquilo foi maravilhoso. Nós pudemos melhorar o nosso rendimento. Ficamos em Curitiba e foi maravilhoso” (MARQUES, 2015).

Quando chegou em Seul, Anelise relata: “eles prepararam a cidade para a paraolimpíada. Fizeram adaptações para os deficientes visuais com aquelas faixas. Os elevadores escritos em *braille*. As pistas tátil. Lá eles adaptaram tudo. Eu lembro aquelas pirâmides de flores. Era muito, muito lindo” (HERMANY, 2015). Leila conta: “Em termos de aparatos, olhando para os uniformes deles, vimos à qualidade dos uniformes” (MARQUES, 2015), o qual se diferenciava do material brasileiro. Vera, por sua vez, mencionou que eles percebiam a qualidade de outros atletas: “a gente observava bem o pessoal que tinha bastante apoio, patrocínio e que treinava muito como os atletas do Canadá, Espanha, Alemanha, Estados Unidos e Rússia” (BERGAMO, 2015). Para Adria “a viagem de avião já foi à realização de um sonho” (SANTOS, 2015).

A cerimônia de abertura dos JP foi outro fato que chamou a atenção das atletas. “É uma emoção muito grande. Você estar ali e pensar: quantas pessoas queriam estar aqui? Eu to aqui representando o país. A energia era muito boa!”, relata Adria ao rememorar a cerimônia (SANTOS, 2015). Para Leila “a abertura foi maravilhosa! Uma coisa deslumbrante! Tu sendo a estrela naquele palco. Eu não acreditava que estava lá” (MARQUES, 2015).

Com relação ao desempenho de cada uma das atletas nos JP, elas manifestaram significados diferentes. Para Anelise sua participação, de fato, “foi um ato de superação, pois para alguém que a um ano atrás havia sofrido um acidente, conseguir mais duas medalhas nos Jogos é algo quase que inacreditável” (HERMANY, 2015). De acordo a atleta, as condições para competir eram adversas, ou melhor, peculiares. “Em Seul, teve semifinal dos 400 e os 800 foi direto para a prova final, mas eu só soube em cima da hora que iria ser final direto”, comentou Anelise (HERMANY, 2015). Além disso, “na prova dos 800 metros juntaram as categorias B2 e B3. Na época, eu era B2 e a Leila competiu junto comigo, mas não medalhou” (HERMANY, 2015).

Adria revela que:

Era para eu conquistado medalha de ouro, mas por falta de experiência, porque eu sempre treinava na pista de carvão e tinha uma marcação só da chegada, não consegui. Então, eu fui competir na pista sintética, e não prestei atenção nisso. A primeira linha que eu vi eu já comecei a diminuir, e a garota do meu lado fez a projeção do peito na chegada. Foi onde eu perdi a medalha de ouro. Foi no detalhe. Mas eu fiquei feliz, uma garota de 14 anos conquistando duas medalhas na primeira paraolimpíada. Subir pódio foi muito bom! Saber que tu tava ali entre as três do mundo (SANTOS, 2015).

As atletas Leila e Vera não conquistaram medalhas na competição, mas recordaram com estima suas participações nos JP. Leila participou da prova de 800 metros juntamente com Anelise, devido ao baixo número de atletas em ambas as classes. Leila menciona que “poderia ter rendido mais, se tivesse condições de treinamento, incentivo, patrocínio só para treinar, pois nós tínhamos qualidade técnica” (MARQUES, 2015). Todavia, a atleta disse: “tu fica feliz de ser brasileiro e de ter representado o teu país. E saber que aqui eu sou o meu país. É a sensação que se tem” (MARQUES, 2015). Leila ficou com a quinta colocação na prova dos 800 metros. Para Vera um momento marcante nos JP foi a realização da prova:

Fazer os 100 metros com 50 mil pessoas no estádio assistindo. É uma coisa fantástica. Tu saber que tu está tão longe do Brasil, representando um país inteiro, um povo todo, que tu está ali com o nome de um país e que tem que representar da melhor forma que tu pode. Isso para mim foi muito bom! (BERGAMO, 2015).

Na prova dos 400 metros Vera competiu juntamente ao lado da recordista mundial, que era uma atleta russa.

Até os 320 metros eu corri do lado dela. Eu e ela. Mas tinha ela uma preparação melhor e quando chegou nos últimos metros ela foi e eu fiquei. Eu senti um peso grande nas pernas. Eu não tinha nenhuma preparação muscular, mas ela tinha. Ela foi embora. Mas ter conseguido, ter feito todo aquele tempo ao lado dela foi maravilhoso. Eu sabia das minhas condições. Eu sempre dizia que se conseguisse bater o meu recorde em Seul, eu já estava maravilhada e consegui. Baixei um segundo mais ou menos, mas consegui baixar (BERGAMO, 2015).

As lembranças de Vera sobre a competição revelam que as condições de treinamento das atletas eram incipientes no período. Não havia uma preocupação com a estruturação e periodização do treinamento. As cargas de treino, a relação volume e intensidade, não eram devidamente controladas. Além disso, não havia um planejamento anual em relação ao calendário de competições. Apesar deste contexto desfavorável havia uma disposição da atleta para buscar o melhor desempenho possível na competição, mesmo que esse fosse insuficiente para obter o primeiro lugar.



## CONCLUSÃO

Os resultados expressivos conquistados nos últimos anos pelos atletas representam a afirmação do esporte paraolímpico no cenário brasileiro. Isso se deve ao trabalho de pessoas que em décadas passadas se mobilizaram em prol do esporte para pessoas com deficiência. As instituições que ofereciam a prática esportiva e/ou aulas de Educação Física para alunos com deficiência tiveram um papel significativo na conformação deste cenário.

O desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência no Brasil deve-se as iniciativas educacionais, recreativas e terapêuticas. O registro do percurso das atletas brasileiras deficientes visuais é um estudo de caso histórico-documental que exemplifica a relevância de instituições brasileiras voltadas, particularmente, ao atendimento de deficientes visuais. Além disso, ao apresentar uma versão da história contada pelas próprias atletas, buscou-se privilegiar as memórias vividas pelos sujeitos históricos.

Nas últimas décadas, o esporte paraolímpico brasileiro tem avançado, por meio de diferentes ações, na busca do alto rendimento esportivo dos atletas. Esta perspectiva é bastante diferente do período histórico vivenciado pelas entrevistadas, distinguido pela pouquíssima visibilidade do esporte paraolímpico no Brasil. Era uma época que não se tinha ou quando havia era escasso o apoio financeiro de entidades e de governos. Na História do Tempo Presente, devido a sua classificação final na edição dos Jogos Paraolímpicos de 2012, o Brasil é considerado uma potência no esporte paraolímpico. Mas, não podemos esquecer que fizeram parte desta história principiada no passado as atletas deficientes visuais. Desta forma, considerou-se necessário preservar as memórias das atletas, mulheres deficientes visuais, que deixaram um legado para a história do esporte paraolímpico brasileiro.

## A VISION BEYOND THE TRACK: BRAZILIAN VISUALLY IMPAIRED ATHLETES IN 1988 PARALYMPIC GAMES, SEOUL, SOUTH KOREA

### ABSTRACT



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

*The aim is to identify the participation of female visually impaired Brazilian athletes in athletics competitions of the Paralympic Games in Seoul in 1988. Interviews were conducted with the only four female Brazilian athletes who participated in the Games and highlighted different meanings for each of them.*

**KEYWORDS:** *Paralympic Games; Visual impairment; History of Sport.*

## UNA VISIÓN MÁS ALLÁ DE LA PISTA: ATLETAS BRASILEÑAS CON DISCAPACIDAD VISUAL EN LOS JUEGOS PARALÍMPICOS DE 1988, SEUL, COREA DEL SUR

### RESUMEN

*El objetivo es identificar la participación de atletas brasileñas con discapacidad visual en competiciones de atletismo de los Juegos Paralímpicos de Seúl en 1988. Entrevistas fueron llevadas a cabo con las cuatro únicas atletas brasileñas que participaron en los Juegos y fueron destacados diferentes significados del evento para cada una de ellas.*

**PALABRAS CLAVE:** *Juegos Paralímpicos; Discapacidad visual; Historia del Deporte.*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_. História dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-220.
- ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidades**. 1997. 142 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física UNICAMP, Campinas, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Desporto Adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.
- BERGAMO, V. L. **Vera Luiza Bergamo**: depoimento 24 fev. 2015. Entrevistadores: Josiana Ayala Ledur e Rafaela Bertoldi. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).
- BRASIL. **Academia Paralímpica Brasileira**. Regimento Interno da Academia Paralímpica Brasileira. Brasília: Comitê Paralímpico Brasileiro, 2012.
- CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, 2011.
- CARDOSO, V. D.; GAYA, A. . A Classificação funcional no Esporte Paralímpico. **Conexões**, Campinas, v. 12, p. 132-146, 2014.
- COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.



- FONTES, M. S. Futebol de Cinco para Cegos. In: Castelli, D. P.; FONTES, M. S. **Futebol paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006. p. 11-38
- FREIRE, J.; CONRADO, M. História do Futebol de 5. In: (Orgs.) SOUZA, R. P.; CAMPOS, L. P. C. C.; GORLA, J. I. **Futebol de 5**: fundamentos e diretrizes. São Paulo: Editora Atheneu, 2014. p. 13-18.
- HERMANY, A. **Anelise Hermany**: depoimento 26 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Curitiba, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).
- MACHADO, R. B. Paralimpíadas e Mídia: o crescimento das políticas de inclusão. **Cadernos de Comunicação (UFSM)**, Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 375-388, 2012.
- MAIS de duas décadas no topo. **Brasil Paraolímpico**, Brasília, n.36, jun./jul., 2011.
- MAQUES, L. **Leila Marques**: depoimento 18 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).
- MARQUES, R. F. R. *et al.* Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.4, p.365-77, out./dez., 2009.
- MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.
- PARSONS, A. WINCKLER, C. Esporte e a Pessoa com Deficiência – Contexto Histórico. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p 1-14.
- SANTOS, A. R. **Adria Rocha Santos**: depoimento 28 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Joinville, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).
- WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. Barueri: Manole, 2004.